



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

GABRIEL VICTOR BARBOSA DE MACÊDO

**DIVULGAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TRADIÇÃO: A MEMÓRIA DE QUEM VIVEU A
HISTÓRIA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

GABRIEL VICTOR BARBOSA DE MACÊDO

**DIVULGAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TRADIÇÃO: A MEMÓRIA DE QUEM VIVEU A
HISTÓRIA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC
apresentado ao Centro de Ciências Sociais
e Aplicadas – CCSA, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos
Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M141d Macedo, Gabriel Victor Barbosa de.

Divulgação, comunicação e tradição: a memória de quem viveu a história do maior São João do mundo. [manuscrito] / Gabriel Victor Barbosa de Macedo. - 2023.

35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Maior São João do mundo. 2. Memórias. 3. Relatos. 4. História oral. 5. Imprensa. I. Título

21. ed. CDD 070.4

GABRIEL VICTOR BARBOSA DE MACÊDO

**DIVULGAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TRADIÇÃO: A MEMÓRIA DE QUEM
VIVEU A HISTÓRIA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Sociais e Aplicadas – CCSA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Mídia e Estudos Culturais.

Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos Culturais

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Ada Kesea Guedes Bezerra

Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rafael de Araújo Melo

Prof. Me. Rafael de Araújo Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rackel Cardoso Santos Guimarães

Prof. Ma. Rackel Cardoso Santos Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Grande festa nordestina / forró a cada
segundo / nós fazemos em Campina /
O Maior São João do Mundo”.

Ronaldo Cunha Lima

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a Deus, dono de vontades boas, perfeitas e agradáveis, que as vezes, dentro da minha humanidade, são alvo de questionamentos. A Ele toda honra e glória. Sei que Sua mão me sustentou até aqui. A Nossa Senhora, como boa mãe, também me guiou, sobretudo nos momentos de incerteza, desgaste e dúvidas.

Aos meus pais Marcelo Macêdo e Luciene Barbosa, que merecem todos os gestos e ações de agradecimento por todo cuidado, dedicação e amor. Segui firme e forte, muitas vezes sem querer, por eles. Do seu modo, minha irmã também, Clara Vitória foi outra pessoa importante em todo esse processo. Com ela brinquei de ser jornalista, hoje me vejo realizando esse objetivo com ela.

Aos meus familiares, de uma forma geral – tios, tias, primos, primas, avó, avô e bisavó – que foram parceiros e corretos comigo por meio de palavras de incentivo. A minha namorada Franciellen Pereira, agradeço por toda compreensão, ajuda e abraço acolhedor. Com ela o percurso foi mais leve.

Aos meus amigos e amigas, nas pessoas de Rharyanne Ouriques e Carol Araújo – colegas da vida e do ambiente acadêmico – meu olhar de reconhecimento por suas trajetórias que me motivam, me dão resiliência e coragem.

Obrigado também a minha orientadora, Ada Guedes, escolhida no íntimo dos meus desejos, ainda no 2º período do curso para a missão de orientar-me. Sua qualificação acadêmica atrelada à suas virtudes pessoais fazem de você uma grande mulher e profissional. Obrigado pelo suporte.

Por fim, agradeço a mim que não parei um só segundo de querer ir mais além e buscar, no limite de minhas forças, entregar resultados que justifiquem cada passo dado nos últimos anos e que me impulsionem para o futuro.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	SOBRE A MEMÓRIA COLETIVA, HISTÓRIA ORAL E TESTEMUNHO	12
2.1	MEMÓRIA COLETIVA	12
2.2	HISTÓRIA ORAL	14
3	RELATOS	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
	ANEXOS	26

DIVULGAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TRADIÇÃO: A MEMÓRIA DE QUEM VIVEU A HISTÓRIA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Gabriel Victor BARBOSA ¹
Ada Kesea Guedes BEZERRA ²

RESUMO

O Maior São João do Mundo, realizado desde 1983, em Campina Grande tornou-se grande por diversos fatores. A divulgação da festa, reconhecidamente, ajudou no processo de difusão e consolidação da identidade cultural e no calendário de eventos da cidade, da Paraíba e do Brasil. Essa divulgação se deu e se dá, ao longo dos anos, via contribuição da imprensa e dos seus profissionais na internet, no rádio e na TV. Partindo da premissa de que o jornalismo exerce função social importante, este artigo tem como objetivo reunir relatos e memórias daqueles que ajudaram, direta e indiretamente, no processo de divulgação do Maior São João do Mundo. A partir desses relatos e com o respaldo de metodologias que valorizam a oralidade junto à pesquisa, se constrói um conjunto de informações históricas fundamentais para o entendimento da importância dos profissionais de imprensa na divulgação da festa em um tempo histórico que antecede as mídias digitais. Como resultado das entrevistas, percebe-se a centralidade do rádio como meio de propagação dos festejos, bem como de uma rotina jornalística bem diferente do que se pratica na atualidade. Os pressupostos teóricos que guiaram esta produção, discutindo sobre Memória Coletiva, História Oral e Testemunho foram autores como Halbwachs (1990); Candau (1998); Portelli (1997); Vidal (1990), entre outros.

PALAVRAS-CHAVES: Maior São João do Mundo; Memórias; Relatos; História Oral; Imprensa.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: gabriel.victor@aluno.uepb.edu.br

² Jornalista, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Professora do Departamento de Comunicação Social - DECOM, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: ada.guedes@gmail.com

DISSEMINATION, COMMUNICATION AND TRADITION: THE MEMORY OF THOSE WHO LIVED THE HISTORY OF THE GREATEST SÃO JOÃO IN THE WORLD

ABSTRACT

The Biggest São João in the World, held since 1983, in Campina Grande, became big for several reasons. The publicity of the party, admittedly, helped in the process of diffusion and consolidation of the cultural identity and in the calendar of events of the city, of Paraíba and of Brazil. This disclosure took place and takes place, over the years, via the contribution of the press and its professionals on the internet, radio and TV. Based on the premise that journalism plays an important social role, this article aims to gather reports and memories of those who helped, directly and indirectly, in the process of publicizing Maior São João do Mundo. From these reports and with the support of methodologies that value orality along with research, a set of fundamental historical information is built for understanding the importance of press professionals in publicizing the party in a historical time that precedes digital media. As a result of the interviews, the centrality of the radio is perceived as a means of intensity of the festivities, as well as a journalistic routine very different from what is practiced today. The theoretical assumptions that guided this production, discussing Collective Memory, Oral History and Testimony, were authors such as Halbwachs (1990); Candau (1998); Portelli (1997); Vidal (1990), among others.

KEYWORDS: Largest Saint John in the World; Memoirs; Reports; Oral History; Press.

1. INTRODUÇÃO

“São João tá diferente (tá melhor!), tá no clima da gente (bom só só!)”, canta a nação forrozeira a composição de João Dantas e Roberto Moraes, que se tornou um dos símbolos da festa junina de maior repercussão no cenário nacional. Reconhecer que São João de Campina Grande - Paraíba, ficou melhor e diferente também do ponto de vista da divulgação é necessário. Temos hoje, ao toque de um click, acesso a conteúdos diversos, desde a programação no que se refere a eventos, pontos de visitação, atrações musicais e turísticas até às formas de cobertura ao vivo do evento.

Um dos maiores eventos culturais do Brasil, o São João de Campina Grande cresce a cada ano em estrutura, atrações e presença de público, embora pouco se saiba sobre como tudo começou no tocante à divulgação dos eventos que constituem a festa. Em 1983, quando o Maior São João do Mundo³ teve início, na gestão do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, a televisão e o rádio já eram veículos de forte penetração social, e entender como esses meios e profissionais da área atuaram em prol da consolidação do festejo junino campinense significa compreender, também, como seu deu o crescimento do evento.

Hoje, basta a pessoa interessada buscar pelo perfil na rede social Instagram do São João de Campina Grande que terá acesso a informações a respeito dos cantores que estarão no palco da festa, horário das apresentações, além de dicas do que fazer fora do Parque do Povo. Espaço popularmente conhecido como o Quartel General do Forró, que antes era um terreno baldio conhecido como “coqueiros de José Rodrigues”, agora acomoda a estrutura do Maior São João do Mundo durante o mês de junho.

Mas, e nos primeiros anos, como o forrozeiro ficava sabendo da programação da festa? A televisão local abria espaço para essa divulgação? Até que ponto os programas radiofônicos ajudaram? Qual a contribuição de outros veículos de comunicação para a ascensão e consolidação da maior festa popular campinense? Essas perguntas surgem a partir da leitura de uma matéria publicada no dia 8 de junho de 2018 pelo G1 Paraíba⁴, em alusão aos 35 anos da festa. No texto, vários recortes históricos são feitos, como em que contexto se deu a construção da Pirâmide do Parque do Povo. Todavia, para jornalistas e pesquisadores, ficam inquietações como as expostas acima acerca do nosso papel nesse ambiente tão caro a nossa identidade individual e coletiva que é o São João.

A formatação do São João de Campina Grande mudou consideravelmente ao longo dos anos.⁵ Se no começo tudo era feito de forma improvisada com uma palhoça

³ Desde a década de 80, quando foi incluído no calendário oficial do Instituto Brasileiro de Turismo, o **São João de Campina Grande** é conhecido como "O Maior do Mundo". O São João de Campina Grande recebeu o título de maior festa junina do país, concedido pelo Instituto Ranking Brasil em julho de 2022.

⁴ Ver em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2018/noticia/sao-joao-de-campina-grande-comecou-ha-35-anos-com-improviso-conheca-historia.ghtml>. Data de acesso: 21 de abril de 2022.

⁵ “Com a divulgação nacional, o número de turistas aumentou e o Parque do Povo começou a ficar pequeno para tanta gente. Em 1989, a prefeitura realizou uma obra de expansão construindo o que

montada no espaço onde hoje é o Parque do Povo — como relata a matéria do G1 —, atualmente temos a festa sendo gerida por uma Parceria Público Privada⁶, uma novidade no ambiente da gestão pública que não pode afetar o conceito histórico da festa, que precisa ser vista como um fenômeno social forte, pois nasce diante dos aspectos culturais do povo nordestino, identificado com paganismo da celebração junina, ao mesmo tempo que dialoga com a fé empregada em cada santo da tradição, sendo São João o mais forte no período que compreende o festejo, que nasce — e muito — da resistência do povo de origem rural ou camponesa.

Estes iniciaram a festa no sentido pleno da palavra, em razão da mudança de clima que garante uma boa colheita de milho e feijão. Assim, estamos falando de uma manifestação cultural que surge de crenças e práticas cercadas de tradições e sentidos, mas que se refez e se reestruturou tantas vezes quanto as transformações sociais, culturais e econômicas assim o exigiram. E essas formas de celebrações e festividades conseguiram desaguar, naturalmente, nas redações dos veículos de comunicação.

No tocante à divulgação da festa, também temos robustas novidades em comparação ao início do São João. A TV Maior, emissora do Sistema Correio de Comunicação, abre seu sinal para programação local apenas e exclusivamente durante os finais de semana do Maior São João do Mundo, isto para quem não deseja ir até o Parque do Povo e prefere acompanhar os shows de casa. Além de programas específicos na grade de programação das emissoras de TV aberta que reforçam a importância da data no calendário da cidade: Momento Junino (TV Borborema/SBT); Arraiá da Correio (TV Correio/Record TV), Arraiá Ita (Ita/TV Cultura), Arrasta-pé Arapuan (TV Arapuan/RedeTV!), além do JPB, telejornal da TV Paraíba que ganhou uma edição às sextas-feiras, direto do Parque do Povo. São inúmeros conteúdos produzidos diariamente durante mais de 30 dias e que alguns deles acabam entrando também para a programação nacional através de suas afiliadas, fazendo com que diferentes estados do país tomem conhecimento dos festejos juninos campinenses.

Assim, não dá para improvisar mais quando falamos de uma festa dessa magnitude, nem os meios de comunicação podem deixar o evento de fora de suas programações. Elizabeth Christina, autora do livro “A Fábrica dos Sonhos — A invenção da festa junina no espaço urbano”, nas primeiras páginas de sua obra, coloca os meios de comunicação como responsáveis por criar ‘um clima’ para que o Maior São João do Mundo aconteça assertivamente.

A partir daí, tudo é sonho e fantasia, “a cidade respira forró no embalo da sanfona”; forrozeiros de carteirinha entregam-se à dança; mocinhas, com seus vestidos rendados e babados fartos, passeiam dando rodadas pelo arraial; mocinhos de calça jeans, camisa xadrez, chapéus de palha e botas de couro (LIMA, 2008, p. 13).

hoje é a parte de baixo do local, onde ficam as barracas, palhoças e a cidade, destaca um trecho da matéria

⁶Arte Produções de Eventos Artísticos e Locações LTDA.

A pesquisa da professora Elizabeth Christina faz uma apreciação sociológica e histórica da festa junina campinense considerando sua simbologia no espaço urbano, e além de nos fornecer um quadro imagético das manifestações e sentimentos que marcam o festejo, nos faz pensar sobre o papel do comunicador para essa construção.

Deste modo, o que forjou esta proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi o questionamento: E quando não havia a disponibilidade e acessibilidades das mídias digitais, como se fazia a divulgação do São João de Campina Grande? Como desdobramento dessa questão surgem outras duas: Há registros sobre esse tipo de atividade que envolve o campo do jornalismo? E, na falta de registros, como iniciar esse tipo de documentação sobre as formas de divulgação da festa antes da popularização das mídias digitais e seus portais com disseminação de conteúdos imediatos?

Pensando em encontrar respostas para essas perguntas foi realizada uma busca em repositórios de publicações desta natureza, e não foram encontrados estudos sobre esse tema em específico. Assim, ficou decidido que esta pesquisa teria como foco a construção inicial desses registros. Considerando que se trata de uma pesquisa com amplo potencial, ficou delimitado para este momento de encerramento de graduação, buscar respostas junto àqueles que estiveram à frente da comunicação na época. Ou seja, será ouvindo jornalistas e comunicadores que buscaremos identificar como essa divulgação era feita.

Recolher e organizar memórias sobre o São João é preservar a história, histórias por vezes contadas pelo jornalismo e pelos jornalistas, além de historiadores, é claro. Estes profissionais que contribuíram para a consolidação da festa serão ouvidos e seus relatos parte crucial da construção desta pesquisa.

A perspectiva é levantar elementos históricos que explicam como o evento era difundido sem a presença das redes sociais e sim, via meios de comunicação tradicionais. Isso será feito através da oralidade daqueles que puderam observar e contribuir jornalisticamente com o evento. Para isso, realizamos entrevistas semiestruturadas com as seguintes fontes:

Cléa Cordeiro, professora aposentada da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, Mestre em Economia e Doutora em Marketing, segmento que perpassa por sua forte participação no Maior São João do Mundo diante do seu espírito viajante e apaixonado pelo turismo. Também foi Gerente de Marketing e Turismo da Rainha da Borborema. Hoje, Cléa mantém viva as memórias do festejo junino de Campina Grande por meio do Memorial do Maior São João do Mundo.

Contribui com esse Trabalho ainda Massilon Gonzaga, radialista desde 1972 e jornalista pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) desde 1985, tendo atuado por diversas rádios de Campina Grande, a exemplo de Campina FM, Borborema e Cariri. Nestas emissoras, cobriu as principais áreas do jornalismo radiofônico: policial, esportiva e regional. Ele não esconde se sentir mais à vontade à frente de programas que valorizem a cultura da região que vive, sendo assim outra peça chave para contribuir com este trabalho. Além disso, desde 1986, Massilon faz parte do quadro do curso de Jornalismo da UEPB como professor efetivo.

Abílio José também oferece seus anos dedicados à comunicação do Maior São João do Mundo para o resgate de memórias. Ele começou a atuar profissionalmente em Campina Grande na Rádio Borborema, em 1984, como discotecário, em seguida passou a ser locutor após testes na emissora. Também trabalhou como repórter, conhecido inclusive como 'repórter da cidade'. Abílio acompanhou por muitos anos a área policial e a política local, frequentemente indo à Câmara Municipal de Campina Grande. Apresentou no horário vespertino o programa "Show da Tarde", em 1991. No início dos anos 2000 foi para TV Borborema. No canal, apresentou o programa "Hora do Povo" e criou o "Momento Junino" junto ao então gerente de Jornalismo, Marcelo Antunes. Hoje, o comunicador não faz mais parte dos quadros da Borborema e administra a TV Nordestina, que opera por assinatura pela Brisanet. Embora tenha sido aprovado no curso de Comunicação Social, Abílio seguiu para outra área acadêmica, mas não distante da comunicação: Publicidade e Propaganda.

Este artigo apresenta, portanto, uma sequência que compreende breve discussão teórico conceitual sobre o conceito de memória coletiva, a noção de História Oral como arcabouço metodológico de pesquisa, além da compreensão da importância do testemunho e da entrevista como técnica de captação de informações. Para esta discussão contribuíram autores como: Halbwachs (1990); Candau (1998); Portelli (1997); Vidal (1990), entre outros. Após esta etapa, segue-se a abordagem analítica dos relatos dos entrevistados já aqui mencionados, que se caracteriza como pesquisa de caráter exploratória e descritiva.

2. SOBRE MEMÓRIA COLETIVA, HISTÓRIA ORAL E TESTEMUNHO

2.1 MEMÓRIA COLETIVA

É importante perceber a função da memória coletiva no contexto da pesquisa e do jornalismo em si, pois trata-se de uma ferramenta de produção de informação que contribui fortemente para a evolução das metodologias de investigação jornalística. Afirmativa esta que reforça o caráter da necessidade deste trabalho quando observamos as formas de divulgação de uma festa como o São João de Campina Grande sem memórias sólidas construídas a partir da pesquisa.

Na lógica da duração acelerada, efêmera, descartável que estamos imersos com o advento da internet, há pouco espaço e investimento na longa duração, na interpretação sobre os fenômenos e grupos ao longo do tempo. O resgate desta memória comum é dificultado pelo fato de vivermos hoje a dissolução do presente real em tempo real.

Segundo Candau (1998), o presente real é complexo, temporal, com densidade, cíclico, contínuo, feito de heranças e projetos, ou seja, localizado entre um passado e um futuro, na duração. Já o tempo real é caracterizado pela simplicidade, pela temporalidade. "A dissolução do presente real no tempo real traduz a passagem de uma experiência concreta e íntima do tempo a uma categoria temporal abstrata, anônima e desencarnada" (CANDAU, 1998, p. 94).

Aqui, chegamos ao momento em que se faz pertinente destacar o conceito de memória coletiva com base em Maurice Halbwachs (1990) que relaciona a memória a um processo de inserção e conectividade a grupos. Quanto mais afetado pelo outro, maior a capacidade de se lembrar e essa memória tende a se esvaír quando nos afastamos do grupo ao qual ela estava ligada.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 1990, p. 39).

A memória não se fixa em uma conservação da experiência, mas em novas construções a partir de um material de referência. Estes conjuntos de referências de uma dada memória coletiva que o sujeito mobiliza para se lembrar, foram chamados por Halbwachs (1990) de quadros sociais da memória, que se apoiam na língua, no tempo e no espaço.

Vale considerar também que a memória é sempre viva, dinâmica, diferente a cada lembrança. Para que seja acionada, muitas vezes é preciso estar ativada em grupos que tenham "vontade de memória", como definiu Namer (1987) citado por Gerk e Barbosa (2018). Um exemplo de grupo que costuma ter esta intencionalidade é a família, com a valorização de histórias, momentos de conversação, fotografias e objetos.

Contudo, há outros grupos que podem ser considerados. Sujeitos interligados por atividades em comum, dentre elas as profissionais, são capazes de produzir vontade de memória. Nos interessa aqui enquanto grupo, profissionais da imprensa campinense, visto que eles, ao consultarem suas referências intuitivas e de lembranças, podem fornecer um fio condutor capaz de identificar como esse campo de comunicação e divulgação fazia menção e referência aos festejos aqui considerados.

Assim, se considerarmos o pensamento de Halbwachs (1990), quando afirma que as memórias são construídas por grupos sociais e que os indivíduos lembram, no sentido literal, físico, mas que na verdade são os grupos sociais que determinam o que é "memorável", e também como será lembrado, então é válido buscar recompor esse quadro de relatos a partir de falas e testemunho daqueles que compõem o mesmo grupo social.

Portanto, enquanto sujeitos que acessam sua memória individual, os profissionais do jornalismo entrevistados contribuirão para um relato capaz de agregar a uma memória a ser repassada e assimilada já em um discurso que será coletivamente construído. Assim como explica Halbwachs (1990):

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sob nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma

experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

O fato é que diante da ausência de registros, acessar essas memórias individuais é o caminho para compor o quadro de referência que aqui buscamos. Para tanto, acessamos o testemunho oral como mecanismo de captura dessas informações e o fizemos com três profissionais justamente por considerar o que o autor nomeou de “negociação”, que é o fenômeno que se dá para que as memórias individual e coletiva se conciliem, isso porque para o autor, a memória é seletiva e, portanto, precisa passar por esse processo de conciliação e reconhecimento.

Explicando esse processo, Borges (2013) discorre:

Dessa forma, não bastam os testemunhos de outras pessoas para que as suas memórias sejam incorporadas por um indivíduo. Elas precisam concordar com as memórias já existentes desse sujeito e que tenham alguns pontos semelhantes para que sejam construídas sobre uma base comum. Além disso, as pessoas necessitam da memória dos outros para confirmar suas próprias memórias, para legitimá-las. (BORGES, 2013, p.3).

Há ainda o que Pollak (1989) descreveu como memória clandestina, que é aquela que destoa, que enquanto memória individual não condiz, em determinado ponto, com a memória coletiva. Tais nuances, encontros, aproximações e também desvios, foram observados junto às fontes através de seus testemunhos. Testemunhos estes que foram coletados a partir da História Oral enquanto abordagem teórico metodológica de apreensão de relatos.

2.2 HISTÓRIA ORAL

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que tem como cerne ouvir e registrar testemunhos de sujeitos que viveram um dado fato social. Esses sujeitos podem ser pessoas excluídas da sociedade ou simplesmente pessoas que dispõem de lembranças e informações capazes de reconstruir episódios da vida real. Esse valor se amplia quando as informações que se busca não correspondem a nada antes registrado ou quanto são escassas as informações sobre um assunto, lugar, fenômeno. Assim, é um método muito usual quando se quer criar relatos e registros históricos.

O caminho para isso é a realização de entrevistas. O sujeito a ser questionado é colocado como produto de fundamental importância para o completo exercício da prática metodológica. Entretanto, é necessário que o diálogo entre entrevistador e entrevistado seja baseado em clima de segurança, tensão intelectual e contextual, interesse e confiança, elementos que favorecem a imersão da experiência.

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que

não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais. (GUEDES-PINTO, 2002, p. 95).

Não obstante a essa característica de igualdade e mesmo justiça social, o método abrange outras perspectivas, e supre, por vezes, a necessidade e urgência no que se refere a documentos que marcam e narram fatos históricos. Na ausência de material, que por si só possam dar a quem pesquisa base e lógica, as entrevistas assumem essa responsabilidade perante o objetivo do trabalho.

Autores que teorizam sobre a HO destacam a importância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. O êxito da entrevista começa na preparação quando se estabelece o primeiro contato, um compartilhamento embrionário de informações e enfoque entre o pesquisador e o sujeito a ser entrevistado. Entretanto, é preciso observar que ao mesmo tempo em que a entrevista possibilita o compartilhar de experiências e aproximação entre o sujeito- pesquisado e o pesquisador, não se pode desprezar de que ambos agentes têm diferentes interesses em uma entrevista.

Ao pesquisador interessa ouvir, a escuta ativa e atenta, além de registrar a narrativa, enfim, o que vai ao encontro do tema estudado, ou seja, o objeto de estudo é o que interessa ser coletado, percebido. Já ao pesquisado, interessa relatar aquilo que lhe é significativo, que lhe é importante e que, por isto, para ele, deve e merece ser narrado, sobretudo, por ser testemunha.

O pesquisador pretende ver o que é relevante para sua investigação. Diante das entrevistas, pode-se fazer recortes das partes do todo para atender aos objetivos propostos pelo estudo, tendo ciência de que tais recortes devem respeitar a perspectiva da narrativa apresentada pelo entrevistado. Aí está um dos compromissos éticos do pesquisador com os sujeitos e com a pesquisa: ao fazer uso dos depoimentos, deve respeitar e procurar ser fiel à visão do entrevistado, equilibrando isto ao que a pesquisa precisar tratar.

Outro elemento fundamental ao trabalho que atravessa a metodologia da HO como princípio, é a importância da memória nesse processo de propor aos sujeitos a retomada do passado, mesmo que recente. A memória aqui é compreendida como trabalho, tal como Bosi (1995) a define, isto é, o processo de rememoração exige daquele que recorda um refazer, exige uma recuperação do passado a partir do que foi vivido, até o momento presente.

Por essa razão também, a rememoração é tomada como uma situação de reflexão, de novas formulações sobre o narrado, possibilitando, com isso, a quem fala, uma oportunidade de refletir sobre si mesmo e seu passado vivido.

É legítimo frisar que, ao se optar por trabalhar com fontes orais na HO, não se está abrindo mão do trabalho com documentos. A perspectiva assumida pela HO inclui o diálogo com outras fontes, além das orais. Vidal (1990) alerta sobre os equívocos que podem ser causados pelo encantamento provocado apenas pelas narrativas, chamando atenção para os princípios de trabalho da HO, que incluem um cotejo dos depoimentos com outros documentos que se mostram pertinentes tendo em vista os recortes da pesquisa.

Sobre a ética na pesquisa, lembra Portelli (1997) que:

[...] o compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos; compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas realmente são” equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de “como as coisas podem ser” (PORTELLI, 1997, p.15).

A questão da veracidade é um diferencial importante da História Oral em relação ao Jornalismo. O jornalista passa a ser um filtro social, além de ser responsável por fazer recortes dos elementos que precisam chegar ao grande público. Preservar a memória é uma forma de deixar um alerta vivo para a humanidade sobre a importância do diálogo, dos fatos e fenômenos sociais, que por vezes marcam e transformam a história de um grupo, uma comunidade ou da humanidade.

3. RELATOS

O vasto currículo acadêmico de Cléa Cordeiro, atrelado ao seu passaporte repleto de carimbos por onde passou a credenciou para assumir a Direção de Marketing e Turismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, em 1998. Tal função permitiu Cléa acompanhar de perto o Maior São João do Mundo e contribuir com a festa no seu aspecto cultural.

Como não consigo entender a festa junina sem a base cultural, então foi nessa área que eu desenvolvi meu trabalho. Dentro da Prefeitura de Campina Grande cada um tomava conta de uma parte do São João. Eu, por exemplo, ficava mais na parte cultural. Fiz desfile de carroça, criei a barraca do correio elegante, também organizei o evento chamando Santos Juninos dentro do Parque do Povo. Mas duas coisas me marcaram profundamente nessa atividade. Foi a criação da Vila Nova da Rainha. Colocamos um espaço para o artesanato com o apoio dos intelectuais da cidade para descobrir quem era quem nessa área e fomos buscar os artesãos. (Cléa Cordeiro em entrevista concedida em 19 de abril 2023).

Ao trazer memórias sobre um São João que abria espaço para a história, Cléa relembra sua experiência como ouvinte da Rádio Junina, uma rádio que funcionava nos limites do Parque do Povo. O conteúdo era apresentado pelo radialista Massilon Gonzaga, que ‘dava aquela nostalgia, com poesia, com música, então era um ambiente muito lúdico e romântico. Segundo ela, para além de todo o saudosismo emitido pelas ondas sonoras da rádio que já não faz parte do Maior São João do Mundo, havia uma preocupação também com informações e prestação de serviço para o público presente. De acordo com Cléa e ainda segundo Massilon, a Rádio Junina informava sobre itens perdidos e até crianças que se perderam dos pais ou responsáveis no Quartel General do Forró.

A respeito da divulgação do evento em si uma constatação própria de quem realmente esteve presente no processo de consolidação do São João: o rádio era de fundamental importância para que o campinense e os turistas ficassem cientes da programação da festa. Essa assertiva aparece na fala não apenas de Cléa, mas dos três entrevistados.

O folder foi um outro elemento importante no processo de divulgação das atrações do maior evento junino do país. ‘Era uma loucura quando saía o folder na abertura do São João porque todo mundo queria ter’, relembra Cléa, que faz questão de guardar o documento histórico e que se perdeu no tempo, mas que, se depender da professora, não se perderá na história em virtude do Memorial do Maior São João do Mundo.⁷

A programação nos jornais impressos, cartazes pelas ruas de Campina Grande e o folder nas mãos das pessoas não fazem mais parte da festa, há mais de 10 anos, nesse período a internet e o celular passaram a se integrar ao evento.

Assim como a televisão não eliminou o rádio e hoje convivem, eu acho que não deveria ter eliminado a produção de cartazes e fôlderes. Sei que o novo sempre vem, mas não podemos eliminar o tradicional até porque estamos fazendo uma festa tradicional. O folder não é um simples papel, é um documento. (Cléa Cordeiro, em entrevista concedida em 19 de abril 2023).

Passou a fazer parte do Maior São João do Mundo o evento de lançamento da festa, com a presença de autoridades, segmentos econômicos e culturais, além da inevitável presença da imprensa para reverberar a grade de programação e as novidades a cada ano. Entretanto, de acordo com Cléa, nas primeiras edições do São João, esse tipo de evento prévio não era realizado, as pessoas ficavam sabendo pelo rádio, pela televisão e pelos jornais impressos, meios tradicionais e com grande aceitação por parte do público. Havia interesse nas informações sobre grade de programação, atrações, homenageados e layout do Parque do Povo.

A professora avalia com criticidade a mudança na gestão da festa com a Parceria Público Privada que, para ela, é uma forma da gestão municipal não se responsabilizar pelo trabalho de acompanhar de perto as manifestações que agregam e fazem a festa junina e principalmente no tocante à divulgação.

A empresa está focada em fazer com as coisas funcionem, construir a estrutura que magnífica e muito grande, mas não tem o compromisso de resgatar o lúdico. São pessoas novas e não sabem como era feito antigamente (Cléa Cordeiro, em entrevista concedida em 19 de abril 2023).

A respeito de uma das imagens mais emblemáticas do Maior São João do Mundo, que reforça o caráter lúdico inclusive da divulgação do evento, o casal de

⁷ Cléa Cordeiro mantém desde 2004, anualmente, nos meses de junho e julho, um memorial que reúne cartazes, imagens, jornais e folderes desde os primeiros anos do Maior São João do Mundo. O memorial já percorreu diversos pontos de Campina Grande. Nos últimos anos permanece em shopping privado.

espigas milho criado por Eraldo César que por muito tempo fez parte da identidade visual da festa, Cléa lembra que não participou da construção da marca, mas lamenta algo tão próprio da cultura nordestina e do festejo se perder na história da própria festa. Digitalmente, em 2013, ano em que o Maior São João do Mundo completou 30 anos, a gestão do prefeito Romero Rodrigues fez o resgate de Sabugildo e Milharilda, casal recriado pelas mãos do designer William Medeiros. Desde então a marca não foi mais usada na promoção do evento.

Cléa critica, porém, aponta caminhos para uma divulgação que volte a contemplar o caráter humano, histórico, cultural e lúdico da festa tão defendido por ela. Se atualmente existe resistência para disseminação de informações sobre o Maior São João do Mundo por vias mais tradicionais pelas ruas de Campina Grande, a historiadora aponta as estruturas – órgãos da administração – da Prefeitura Municipal como espaços a serem usados com esse intuito e até em estabelecimentos privados que atuam diretamente na festa, como restaurantes e hotéis. Cartazes, folders e quadros anunciando as datas da festa o ano todo. Divulgação que não eliminaria a presença do maior evento do Nordeste nas redes sociais como acontece nos últimos anos. A proposta de Cléa é estabelecer o diálogo entre o novo e a tradição, como ocorre em lugares com turismo desenvolvido. Ainda há memórias de viagens pelo Brasil para divulgar o Maior São João do Mundo.

Quando Cássio Cunha Lima foi em 2003 para o Governo da Paraíba houve uma intensificação na divulgação do São João, não que não existe antes. Na época em que eu estive na Prefeitura de Campina Grande viajei muito indo para Bahia, São Paulo e Paraná para apresentar a festa. Minha cara já era São João. A gente puxava o povo para dançar e as pessoas ficavam entusiasmadas. (Cléa Cordeiro em entrevista concedida em 19 de abril 2023).

Cléa chama atenção ainda para o formato da divulgação dos artistas que se apresentam no Palco Principal da festa que é forte e maciça, ‘esquecendo’ outros palcos e espaços do Parque do Povo durante o Maior São João do Mundo como os ambientes ainda preservados em sua perspectiva mais lúdica e histórica, a exemplo da cidade cenográfica.

Voz inconfundível do rádio campinense, Massilon Gonzaga também usou suas habilidades com os microfones em prol do Maior São João do Mundo, sendo ele o primeiro mestre de cerimônia da festa e locutor, ou seja, o apresentador das atrações, função atualmente exercida por Cleber Oliveira, e que foi exercida ainda por Evilásio Junqueira e Abílio José.

Também foi de responsabilidade de Massilon, a Rádio Junina que teve início no Governo de Félix Araújo (1993) e perdurou até o segundo governo de Cássio Cunha Lima (2001). Além de tocar as músicas dos artistas presentes no São João, prestava informações importante ao público no Parque do Povo, como a perda de documentos, crianças desaparecidas e a presença de autoridades. Ainda fazia parte da pauta da Rádio Junina a programação da festa.

Eu tinha as torres que só tocava músicas, depois fiz o projeto da rádio. A Rádio Junina era a voz do Parque do Povo. A Universidade Estadual da Paraíba forneceu a mesa de som, repórteres e locutores, que eram os meus alunos. No Governo de Cássio a gente profissionalizou, eu tirei os alunos de comunicação que queriam curtir a festa, e coloquei profissionais. Chegamos a distribuir prêmios, rosas no Dia dos Namorados, ingressos para o Spazzio. (Massilon Gonzaga em entrevista concedida em 20 de abril 2023).

De acordo com o jornalista, a imprensa foi fundamental para manter a festa presente no ideário da população. Um fusca, nos primeiros anos da festa, era usado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande para rodar a cidade, chegar até às redações e entregar releases do São João, algo manual, diferente de uma realidade cada vez mais presente na prática jornalística e na ação humana de informar. Hoje, via e-mail e aplicativo de troca de mensagens os profissionais da comunicação e o cidadão comum têm acesso de maneira fácil e rápida a esses informes.

A assessoria de Comunicação fazia os releases sobre o São João de geralmente uma lauda e no final da tarde um *fusquinha* da Prefeitura de Campina Grande, com um jornalista, ia distribuir nas redações esse material. Depois, a gente começou a fazer o release acompanhado de fotos como era no jornal. O cara tinha que bater a foto, revelar e mandar uma cópia para os jornais, isso em 1986. (Massilon Gonzaga em entrevista concedida em 20 de abril 2023).

A fala de Massilon revela o processo evolutivo de pensar e fazer comunicação. Atualmente assessores informam a jornalistas de redações a programação e pautam a cobertura jornalística da festa via-email ou WhastApp, de maneira facilitada e mais rápida, sendo dispensável portanto o uso de um veículo para rodar pela cidade com o intuito de entregar releases.

Ainda conforme lembra e relata o jornalista, a Prefeitura de Campina Grande também implantou, via assessoria de comunicação, para além do envio à mão do release, o envio de áudios para as emissoras de rádios da cidade, prática que não funcionou muito bem por questões técnicas, mas que persiste até hoje.

O rádio deu uma grande contribuição para a divulgação da festa junina campinense, principalmente com os programas regionais, nos anos 80 e 90, como o Jornal de Verdade, apresentado pelo jornalista Juarez Amaral, que tinha uma grande audiência em Campina Grande e que colocava a festa como pauta. De acordo com Massilon, a Campina FM era conhecida como a rádio do São João por causa da atuação do proprietário da emissora, Hilton Motta, um entusiasta da festa que montava uma cabine no Parque do Povo para receber trios de forró e os artistas na grade da rádio. A Rádio Borborema, por sua vez, dava ênfase apenas aos fins de semana do Maior São João do Mundo, enquanto a Caturité trazia flashes ao vivo e a Correio FM chegou depois para seguir também sendo espaço cativo de divulgação do evento.

O Show do Dia era a informação que se dava um destaque maior nas rádios. Massilon recorda de anunciar os shows de Flávio José, Dominginhos, Alcymar Monteiro e Pinto do Acordeom, nomes do Nordeste e que estiveram no Palco Principal do Parque do Povo. Outro aspecto importante no relato de Massilon é a menção e lembrança ao espaço criado dentro do Parque do Povo destinado à imprensa.

No Parque do Povo tinha a Rua da Imprensa e lá o Departamento de Comunicação. Chegava os primeiros oito dias da festa e não tinha os folderes para distribuir com as pessoas. A pessoa passava na lá Decom e pedia o folder, com a programação do São João, do palco e das rádios. Aconteceu muitas vezes de o São João começar e os folders não ficarem prontos. (Massilon Gonzaga em entrevista concedida em 20 de abril 2023).

Massilon revela sua animação com o processo de evolução de divulgação e comunicação da festa, sendo ele um telespectador das transmissões do Maior São João do Mundo via TV Maior e TV Nordestina, já que não mais frequenta o Parque do Povo. Ele também aposta na melhoria nos meios e processos de divulgação da festa, entretanto há críticas.

Acho que em termos da comunicação, a Prefeitura de Campina Grande deveria fornecer mais áudios para rádios. O rádio ainda é um veículo de comunicação muito poderoso, não só para o São João, mas também para a Consciência Cristã que merece esse apoio maior. (Massilon Gonzaga em entrevista concedida em 20 de abril 2023).

Além de desenvolver um programa que até hoje colabora na divulgação e exaltação do Maior São João do Mundo – o Momento Junino, Abílio José foi um dos apresentadores da festa no Palco Principal do Parque do Povo, de 1988 até 2001. Ele conta que deixou de ser a voz do evento quando Veneziano Vital do Rêgo assumiu a Prefeitura de Campina Grande. Na condição de prefeito, Veneziano trocou os apresentadores. Além de desabafar que hoje, com 57 anos, não voltaria a comandar a festa em virtude do cansaço e desgaste físico que as noites no São João provocam para quem a apresenta.

A respeito da criação do Momento Junino na TV Borborema/SBT, o comunicador recorda que o nome já existia, mas como noticiário na televisão e não como status de programa. Ele mudou essa realidade em 1999, meses depois, em junho 2000, o programa estreava. Abílio apresentou o Momento Junino de 2000 a 2016.

O Momento Junino é um marco na história do São João de Campina Grande. Com todas as dificuldades técnicas e operacionais enfrentadas pela equipe da TV Borborema na época. Naquele tempo não existia internet com qualidade e fácil para fazer transmissão. Em 1999 quando a gente começou e em 2000 que foi o primeiro programa, era dificuldade extrema. Começamos dentro do estúdio da TV e vinha

Santanna, Flávio José, grandes artistas participavam. A gente começava em maio e quando os caras descobriram esses programas, eles vinham de tudo que era canto. Do estúdio fomos para a Casa do Poeta, em seguida fomos para o Shopping Iguatemi, ficou pequeno lá, foi uma grande explosão. Fomos para o Sítio São João, tentamos um ano em Ventura Recepções, e aí veio a ideia de colocar na Pirâmide do Parque do Povo. (Abílio José em entrevista concedida em 18 de maio 2023).

A proposta de levar o programa para o epicentro do Parque do Povo, pensada por Marcelo Antunes, gerente de Jornalismo da TV Borborema, não foi bem aceita de início por Abílio. O apresentador temia que uma multidão fosse para a pirâmide aos sábados e que isso pudesse atrapalhar o desenvolvimento do programa. A ideia foi aceita e funcionou.

A partir do sucesso do Momento Junino, outros programas do gênero foram lançados pelas emissoras locais. Arraiá da Correio (TV Correio/Record TV), Arraial Ita (Ita/TV Cultura), Arrasta-pé Arapuan (TV Arapuan/RedeTV!) e o JPB São João (TV Paraíba/Globo). Essas atrações seguem a mesma receita do Momento Junino: público presente, shows de artistas identificados com a cultura nordestina e a ambientação inserida no contexto do Maior São João do Mundo, ajudando assim a festa a manter-se presente no imaginário social.

Ainda sobre a TV, mais precisamente sobre a TV Borborema, Abílio conta que os programas locais da emissora – até o policial – eram e continuam pautados pelo Maior São João do Mundo. O comunicador lembra que a Patrulha da Cidade destacava as prisões e balanço da área policial na festa, seguindo a linha editorial do programa, enquanto a Hora do Povo, programa que ele apresentou, abria espaço para os artistas, levando para o estúdio a atração do dia, sobretudo na sexta-feira, caso essa atração já existisse em Campina Grande para o show no Parque do Povo.

A televisão dava e sempre deu essa contribuição. Colocava um repórter no Parque do Povo para entrar ao vivo na sexta-feira e divulgava a programação, conversava com o prefeito, mostrava a estrutura e a cidade cheia de turistas. Sempre foi assim, os canais de televisão de Campina Grande sempre foram e serão extremamente importantes para a festa. (Abílio José em entrevista concedida em 18 de maio 2023).

Apesar de uma avaliação positiva sobre o trabalho das emissoras de televisão em prol do São João ao longo dos anos, o comunicador critica a forma como as empresas que passaram a gerir o evento nos últimos dentro da Parceria Público Privada, por não conhecerem a realidade local nem as contribuições dos canais para o êxito do Maior São João do Mundo. A TV Nordestina, administrada por Abílio, possui uma grade com enfoque na valorização da cultura do Nordeste ao longo de todo o ano com programas musicais, gastronômicos e turísticos para a região, tanto que foi

fundada no Dia do Nordeste – 8 de outubro –, mesmo assim durante o período da festa há dificuldades para a realização de transmissões dos shows.

Abílio vê as rádios se envolvendo – como nos primeiros anos – diretamente na cobertura do Maior São João do Mundo. Ele cita as estruturas que são montadas no Parque do Povo para garantir que os profissionais da comunicação e imprensa trabalhem em prol da festa.

As TVs não tinham as tecnologias de hoje. Eu lembro que na época a TV Borborema era Globo. Tinha os telejornais que divulgavam, a programação, imagens da abertura... Lembro das emissoras de rádio indo cobrir o São João, passavam a noite inteira cobrindo e algumas emissoras continuam fazendo isso, eu observando que durante este período as rádios montam estruturas no Parque do Povo. (Abílio José em entrevista concedida em 18 de maio 2023).

O comunicador trabalhou também na Rádio Campina FM, que na década de 90, sob a liderança do empresário Hilton Motta, instalava sua cabine para uma ‘transmissão em rede’, que incorporava os sinais da Campina FM, Serra Branca FM e para a Atual, uma emissora no interior de São Paulo. No espaço destinado à rádio no Parque do Povo, uma rede para se balançar era colocada justamente para dar sentido a frase ‘transmissão em rede’, e ali a equipe da Campina FM, incluindo o próprio Abílio, realizava entrevistas com artistas.

Ele reforça as contribuições das emissoras de rádios campinenses para a divulgação do Maior São João do Mundo e cita as redes sociais que atualmente também ajudam nesse processo informativo do evento.

O que se faz hoje: hoje nós temos as redes sociais, o Instagram e outras plataformas que ajudam bastante na divulgação. Quando você quer saber da programação é só ir lá no link da Prefeitura e ficar sabendo, mas antes não existia essa facilidade. Então o rádio era o único meio de informar. Às vezes eu estava fazendo meu programa de rádio à tarde, por exemplo, ‘olha hoje é quinta-feira. Atenção para a programação do Parque do Povo de hoje à noite: Nando Cordel, Biliu de Campina, Amazan e Josinaldo e seu conjunto. (Abílio José em entrevista concedida em 18 de maio 2023).

A grade de programação do Maior São João do Mundo, em seus primeiros anos, recorda Abílio, não era anunciada com dois meses de antecedência como nos últimos anos, de modo que artistas eram inseridos ao longo da festa até mesmo no dia do show. A Prefeitura de Campina Grande contratava os shows e anunciava horas antes. Assim, as rádios assumiam a responsabilidade, junto à gestão municipal, de fazer essa divulgação.

Uma outra memória que Abílio mantém viva é a da existência da Rua da Imprensa, local que reunia jornalistas, comunicadores e radialistas de diversos locais para a cobertura do Maior São João do Mundo.

Interessante que os políticos quando iam para o Parque do Povo já se deslocavam para a Rua da Imprensa, porque eles sabiam que lá todas as rádios iriam fazer entrevistas e destacar a presença deles dentro da festa. (Abílio José em entrevista concedida em 18 de maio 2023).

Assim, a festa servia e serve para além da celebração dos santos juninos como plano de fundo para a pauta política, muito por ser um evento social e está umbilicalmente ligada a políticos, isto desde os seus primeiros passos, já que se tornou o que é e representa para Campina Grande fruto de uma gestão municipal do setor público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propõe o incremento daquilo que é próprio da sociedade, além de necessário para a construção da identidade de um povo, as memórias de uma festa que tem raiz, tradição e sentidos. O resgate das memórias da maior festa da cidade de Campina Grande, que é o Maior São João do Mundo, do prisma de sua divulgação e comunicação leva-nos a identificar que mesmo com o advento de novas práticas jornalísticas fruto do fenômeno da internet, o caráter inicial de todas as formas de divulgar e noticiar uma das maiores manifestações populares e culturais do Brasil passou, sobretudo, por várias mãos, não mãos apenas conectadas à internet, mas sim a folderes, panfletos, jornais, à TV e às rádios. Houve uma comunicação pautada no fator humano e cobertura jornalística com a contribuição do trabalho manual.

Ao longo de décadas, as transformações sociais, econômicas, tecnológicas e históricas recaem sobre todos os fenômenos sociais e porque não em uma festa? As mudanças reconfiguraram os festejos e formatos de comemoração e efetivação. Recaíram também sobre a divulgação junto ao público via imprensa e veículos de comunicação. Ciente disso, não por saudosismo, mas por perceber a lacuna de registros e estudos sobre como se divulgava a festa antes do advento das mídias e redes digitais e qual o papel dos jornalistas nessa época, é que se estabeleceu a ideia de trabalhar com relatos, memória e história oral.

As fontes acessadas para tal têm uma história com São João de Campina Grande e como profissionais da comunicação com décadas de atuação e experiência puderam compor e legitimar parte da memória coletiva sobre a divulgação desse evento.

A partir dos entrevistados para este trabalho, contemplamos que o veículo de comunicação rádio foi um importante vetor de divulgação da festa pelas ondas sonoras, pelo seu sinal e pelo seu compromisso local com o evento. Ainda há espaço para afirmar que para os entrevistados, o rádio seguirá sendo um canal potente para a divulgação do Maior São João do Mundo, sem deixar de medir a importância da televisão que abriu espaços, por exemplo, para programas identificados com a cultura nordestina e com o São João em si em diferentes momentos do ano e durante o

próprio festejo, dando palco a artistas e ao povo como um todo para mostrar ao grande público o que nos limites do Parque do Povo acontece anualmente no mês de junho. Assim, entende-se que as formas de comunicação e divulgação estão em constante movimento, bem como as formas de manifestação e estruturação do Maior São João do Mundo. Essa pesquisa não se fez como forma de comparar ou refutar tais transformações, mas no objetivo claro de compor recortes de memória coletiva a partir do acesso a memórias individuais e legítimas, que confrontadas se complementaram e apontaram para uma vivência sólida de um tempo marcado tanto para quem fez a imprensa campinense da época quanto para o próprio festejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliviera. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa.** Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriel/Downloads/O%20que%20%C3%A9%20Hist%C3%B3ria%20Oral.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2023.

BORGES, Cibele Dias. **A memória coletiva e individual.** Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1440/1/A_memoria_coletiva_e_individual.pdf. Acesso em 12 de abril de 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de velhos. São Paulo; Companhia das Letras, 1995.

CANDAU, Joel. **Memoire et identité.** Paris: PUF, 1998. Tradução em espanhol de C. L. Wilton Silva.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. **Jornalismo, Memória e Testemunho:** Uma análise do tempo presente. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora:** a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MACIEL, Suely. **História oral e as fronteiras com o jornalismo:** A possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer. Disponível em: https://pjbr.eca.usp.br/arquivos/artigos8_b.htm. Acesso em 13 de junho de 2023

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Halbwachs: memória coletiva e experiência.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013. Acesso em 20 de maio de 2023.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade Lima. **A Fábrica dos Sonhos: A invenção da festa junina no espaço urbano**. EDUFMG, Campina Grande. p. 13-28, abril/junho. 2023.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 22 de maio de 2023.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significação na história oral**. A pesquisa como um experimento de igualdade. Projeto História: São Paulo. N. 14, p. 7 – 24, fev., 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves. **De Heródoto ao gravador: histórias da História Oral**. In: Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória. Unicamp. N.1. Campinas, 1990.

SITES CONSULTADOS

<http://cgretalhos.blogspot.com/2018/06/como-surtiu-o-evento-maior-sao-joao-do.html#.ZCBMtHbMLIU>

<http://www.grandecampina.com.br/2013/03/prefeitura-de-campina-grande-divulga.html>

<https://www.df.senac.br/faculdade/origem-da-festa-junina/#:~:text=A%20festa%20junina%20%C3%A9%20uma,dos%20portugueses%20no%20s%C3%A9culo%20XVI.>

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2018/noticia/sao-joao-de-campina-grande-comecou-ha-35-anos-com-improviso-conheca-historia.ghtml>

ANEXOS

4.1 Folderes dos primeiros anos da festa até o ano de 2013, quando a produção desse tipo de material de divulgação foi suspensa



CAMPINA GRANDE
PARAÍBA
O maior São João do Mundo



Um mês inteirinho de festa
2 de junho a 1º de julho

Itaú Prefeitura Municipal • Administração
Ronaldo Cunha Lima Itaú

1984

1985
O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO
Campina Grande - PB



30 DIAS DE FESTA
De 1ª a 30 de Junho

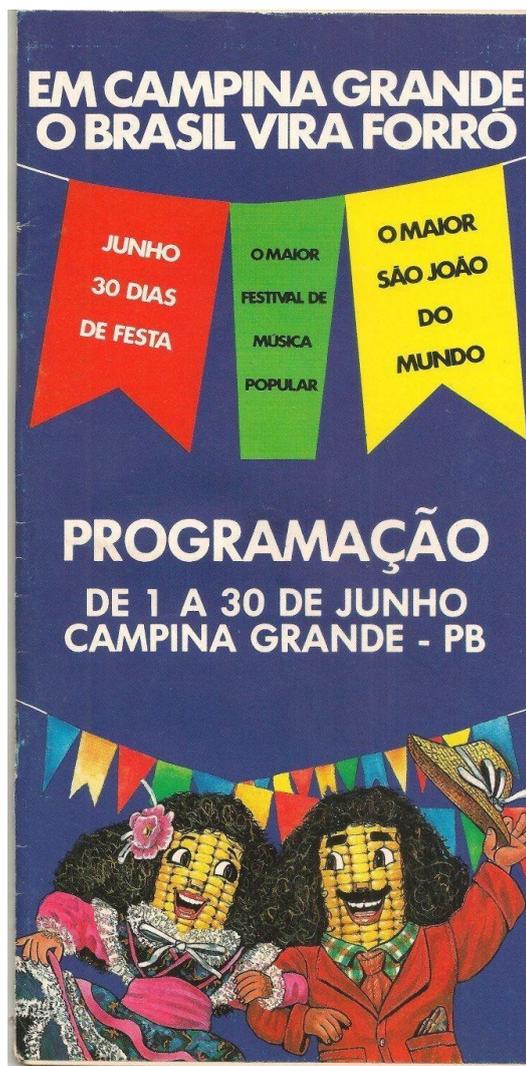
Administração
Ronaldo Cunha Lima Itaú



**EM JUNHO,
CAMPINA GRANDE
PEGA FOGO.**

2 DE JUNHO A 2 DE JULHO

trinta dias de festa



**EM JUNHO,
O BRASIL
FESTEJA AQUI.**



**CAMPINA
GRANDE**
O MAIOR SÃO JOÃO
DO MUNDO

300
atrações

500
horas de forró

04 de junho
a 04 de julho

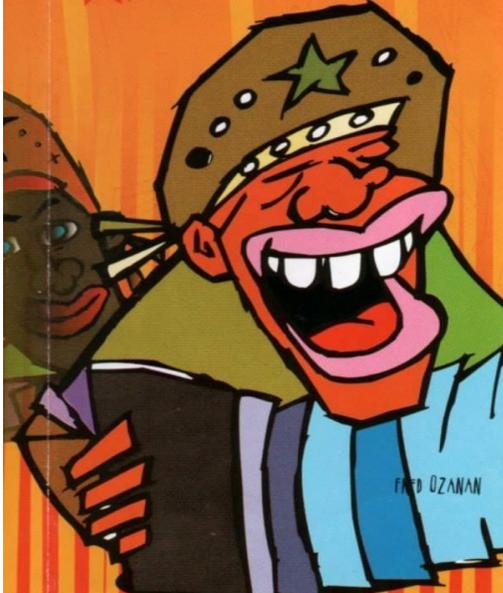


**PREFEITURA DE
CAMPINA
GRANDE**
Um facto novo de cuidar das pessoas

PROGRAMAÇÃO
de 3 de junho a 3 de julho/2005

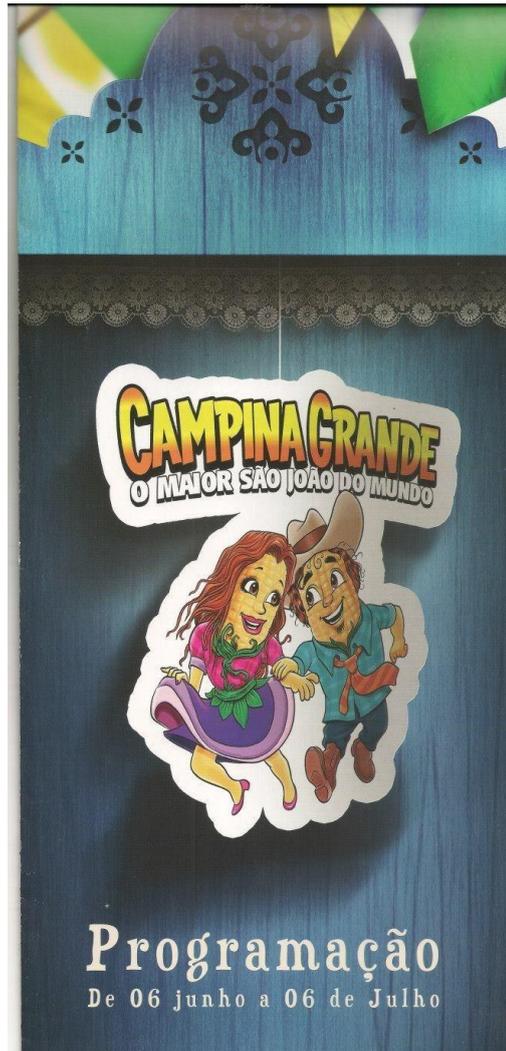
o maior
**SÃO JOÃO
DO MUNDO**

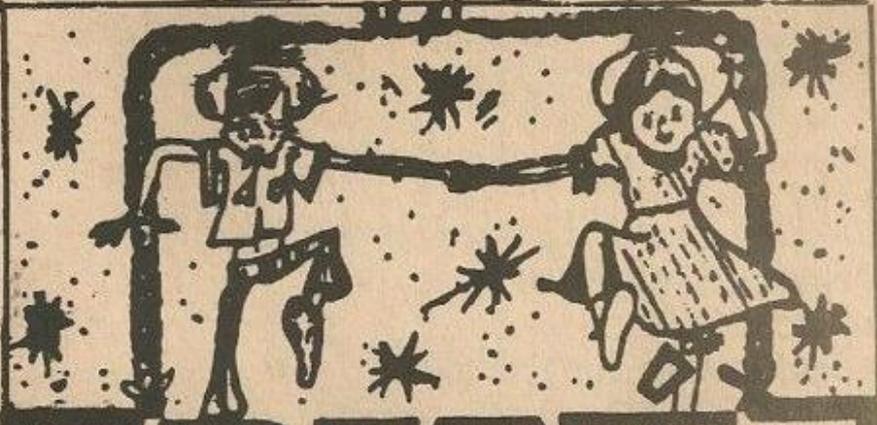
campina grande PARABÁ
www.saojoaodecampina.pb.gov.br



FRED OZANAN







PITU

**INFORMA AS QUADRILHAS DE
HOJE**

Nois Sofre, Mais Nois Goza Rua Nilo
Pecanha-Prata
Quadrilha do Bacalhau Rua Félix
Carolino Barbosa- Alto Branco
Quadrilha Moda Antiga Rua Abdon
Licarião- Nova Brasília
Arraial do Billig Rua Maximiano Chaves
Palmeira
Arraial dos Mocós Velhos Rua Prof.
Miron- José Pinheiro

AMANHÃ

Forró da Criançada- Parque do Povo
Quadrilha Comunitária Rua Idelfonso
Aires -Bela Vista
Alegria do Sertão Rua Francisco de
Araujo- Santa Rosa
Quadrilha da Frente Rua Barão do Abiaí
Cemitério
Quadrilha do H Radinho Rua Noberto
Leal- Alto Branco
Quadrilha do Cri Cri rua Cristiano
Colaço- Catolé.

4.2 Registros com os entrevistados para este TCC: Cléa Cordeiro, Abílio José e Massilon Gonzaga





